Avaliação e hierarquização de atractivos turísticos no distrito de Mágoè, Moçambique

Ringo Benjamim Victor
mgauptete@gmail.com

Adélito Tomás Bernardo
adelitobernardo@yahoo.com

Francisco Mateus António Wache
framawache@gmail.com

Resumo

O presente artigo objectivou avaliar e hierarquizar os atractivos turísticos no distrito de Mágoè na Província de Tete para o conhecimento das suas potencialidades. A metodologia aplicada cingiu-se na consulta bibliográfica, entrevistas estruturada e semi-estruturada conjugadas por técnicas de geoprocessamento em ambiente ARCMap 10.3, além da aplicação da Metodologia de Hierarquização de Atractivos Turísticos exposto pela OMT (2004) adaptada pela CICATUR (2006). Os resultados da pesquisa evidenciam a existência de sete (7) atractivos com destinações de elevado potencial turístico, pontuados por alto valor (3), num total de seis, notadamente: Área de Conservação Comunitária de Tchuma Tchathu, Parque Nacional de Mágoè, Geossítio Troncos fossilizados de Cadzewe, Albufeira de Cahora Bassa, Estreito de Casindira; e Casindira Lodge. Por sua vez, o atractivo Serra de Comboio mostrou-se com a pontuação baixa (1), significando um baixo potencial.

* * *

PALAVRAS-CHAVE: desenvolvimento comunitário; geoecoturismo; biodiversidade; recursos naturais.

Introdução

Em se tratando da procura turística, o consumidor necessita e busca activamente informações para auxiliá-lo nas diversas fases do seu processo de tomada de decisão. Assim, os diversos intervenientes da cadeia produtiva em turismo têm diferentes necessidades de informação, para cumprir permanentemente com as expectativas e necessidades do mercado. Através dos dados recolhidos poderão antecipar-se e adaptar-se o mais rapidamente possível, reforçando as suas capacidades de planificação e gestão, de forma a atingirem os seus objectivos.

Assim, a informação sobre o destino turístico é base dos processos de planeamento de alojamento e das atracções a visitar, bem como, das actividades a efectuar no destino. Em suma, o turista utiliza informação emitida por organizações anunciantes em termos de comunicação de marketing, informação transmitida por terceiros e informação fruto da sua própria experiência (sendo considerado uma fonte de informação interna). Diante desta realidade, o levantamento de informações turísticas se torna fundamental para alimentar os distintos actores anteriormente referenciados e contribuir para o sucesso do sector. É em torno dessa preocupação que surge este artigo, objectivando gerar informações sobre destinações turísticas que servirão de base auxiliadora para tomada de decisão no sector turístico pelo Governo, turistas, operadores turísticos e público no geral.

Os argumentos fulcrais para a realização da presente pesquisa preendem-se, também, pela necessidade de tirar do anonimato as potencialidades turísticas existentes em Mágoè e captalizá-los, pois o turismo vem ganhando cada vez mais importância, seja pelo reconhecimento de que é uma actividade sócioeconómica promotora de desenvolvimento, bem como, contribui positivamente na conservação do ambiente. Deste modo, a adoção de políticas públicas orientadas à gestão de desenvolvimento do sector pela administração local pode, com base nos resultados desta pesquisa, possibilitar alternativas turísticas mais profícuas, com relação ao planeamento turístico e, constituir uma mola propulsora ao desenvolvimento local do qual Mágoè almeja.

Material e métodos

O presente estudo caracteriza-se por ser uma pesquisa qualitativa, com enfoque exploratório e descritivo. O estudo baseou-se na inventariação turística do Distrito de Mágoè. Constituíram metodologias para a realização deste estudo a consulta bibliográfica, trabalho de campo e observação directa; entrevistas (estruturada e semiestruturada) e trabalho de gabinete os quais permitiram o levantamento, identificação e caracterização de locais com potencialidades de

atractivos turísticos. Este processo foi acompanhado pelo uso de dispositivos receptores GPS, marca GARMIN modelo GPSMAP® 62sc (2011) e software ArCMap 10.3 em ambiente de geoprocessamento. Este último processo, permitiu a representação espacial dos locais identificados.

Deste modo, foi feita a identificação e caracterização dos atractivos e pontos de interesse turísticos dos distritos, utilizando-se formulários de inventariação e observação directa, conforme a proposta metodológica do Ministério do Turismo (2006). Vale ainda destacar que os critérios utilizados para o efeito foram: grau de uso actual, singularidade, apoio local e comunitário, estado de conservação da paisagem circundante, existência de infraestruturas turísticas e facilidade de acesso às potencialidades turísticas, informações estas indispensáveis ao estabelecimento e desenvolvimento da actividade turística.

De seguida, as informações colectadas em campo, foram utilizadas para subsidiar o processo de análise e hierarquização dos atractivos. Para o efeito, baseamo-nos na sugestão de Metodologia de Hierarquização dos Atractivos Turísticos proposta pelo Ministério do Turismo Brasileiro e adaptada à proposta da Organização Mundial do Turismo (OMT, 2004) e pelo Centro Interamericano de Capacitação Turística (CICATUR, 2005). Segundo Dantas e Melo (2010) citando Brasil (2004), "o intuito da aplicação dessa metodologia é auxiliar na avaliação do grau de importância dos atrativos identificados para inclusão no roteiro turístico".

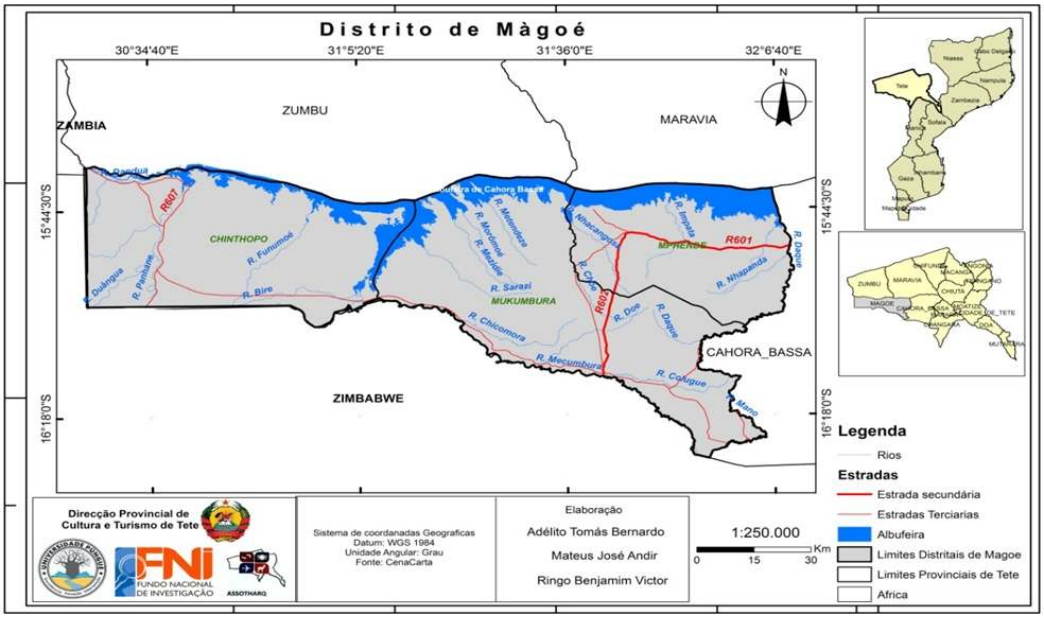
Contudo, o primeiro passo consistiu na avaliação do potencial dos atractivos turísticos pesquisados, com base nas características de peculiaridade e do interesse que este pode despertar nos turistas, para então, de seguida, estabelecer uma ordem quantitativa que informou o nível de desenvolvimento turístico desse potencial, atribuindo-lhe um valor quantitativo às suas características. Posteriormente, avaliaram-se os critérios para defenição do processo de hierarquização.

Após o conhecimento desses critérios, foram preenchidos formulários quadros e tabelas (conforme a metodologia aplicada), os quais permitiram realizar uma análise quantitativa, buscando estabelecer a hierarquização dos atractivos. É importante ressaltar que os itens potencial de atractividade do elemento e representatividade (singularidade) receberam a pontuação em dobro porque, pela metodologia, estes critérios são mais representativos que os demais. Por último, somaram-se os pontos obtidos e a partir daí definiu-se o ranking dos atractivos. É importante destacar que, quanto mais pontos (valores) um atractivo apresentar, maior sua importância e necessidade de ser incluso nos roteiros turísticos.

Caracterização das condições biofísicas da área de estudo

O Distrito de Magoe situa-se geograficamente a sudoeste da Província de Tete, limitando-se a norte pelos distritos de Zumbo e Maravia, a sul e oeste pela República do Zimbabwe, e a este pelo distrito de Cahora-Bassa. Com uma área de 8583 km^2, o distrito localiza-se astronomicamente entre os paralelos 15°44'30" e 16°18'00" de latitude Sul e nos meridianos 30°34'40" e 32°6'40" de longitude Este (figura 1).

Figura 1. Localização geográfica da área de estudo



As condições do meio biofísico do distrito são contrastantes em virtude da interacção de diversos aspectos fisiográficos. Deste modo, climatologicamente, a área integra-se numa região de clima tropical seco. De acordo com MAE (2014) o clima de Mágoè é predominantemente do tipo tropical seco de estepe com inverno Seco-BSw (classificação de Köppen), com duas estações distintas, a estacão chuvosa (muito curta) e a seca (muito longa).

A precipitação média anual mais próxima (Chicôa) é cerca de 635 mm, enquanto a evapotranspiração potencial média anual está na ordem de 1623 mm. A maior queda pluviométrica regista-se nos meses de dezembro e janeiro, e a temperatura média anual é de 26,1°C. As médias anuais máxima e mínima são de 34,1°Ce 18,1°C, respectivamente.

Mágoè apresenta uma hipsometria formada por planaltos que variam de 300 a 800 metros (MITADER, 2015). Geomorfologicamente, o distrito ocorre parcialmente na Bacia Sedimentar compreendendo sedimentos do Cretácico Superior e Karroo Inferior, complementados ainda por rochas extrusivas do Karroo

Superior, dando origem a terrenos predominantemente colinosos e solos argilosos castanho-avermelhados, caracterizados pela presença de afloramentos de rochas sedimentares do Karroo, Cretácico ou Terciário. É comum a ocorrência de solos aluvionares ao longo dos cursos de água, por exemplo no rio Mukumbura (MAE, 2014).

A vegetação predominante na área estudada é do tipo mopane (*Collophospermium mopane*) que integra espécies do género Nsanha, acácia messine (*Acacia nilotica*), embondeiro (*Andasonia digitata*), chanfuta (*Afzelia quanzensis*), mepepe (A*lbizia adianthifolia*), pau-ferro (*Swartzia madagascariensis*), entre outras.

No entorno os ambientes lênticos (pântanos, lagos) e na Albufeira de Cahora Bassa, observa-se vegetação do tipo higrófilas e hidrófilas, para além da coloração esverdeada dos seus corpos hídricos que anunciam riqueza de nutrientes, a exemplo de fitoplâctons e zooplânctons, organismos minúsculos indispensáveis à alimentação da ictiofauna destes ambientes, garantindo, deste modo, a manutenção da teia alimentar destes ecossistemas e, por conseguinte, maior produtividade pesqueira, o que contribui, portanto, para melhoria das condições de vida das comunidades.

O mundo animal caracteriza-se pelo domínio da mastofauna, herptofauna, ictiofauna e avifauna de raridade a nível nacional e internacional. Observam-se ainda, quatro das espécies dos *Big Five* (búfalo, leão, elefante e leopardo), espécies estas que representam uma relíquia no continente e no mundo em geral.

A despeito da fauna terrestre, destacam-se grandes mamíferos que constituem um excelente atractivo para o ecoturismo, turismo cinegético e contemplativo, recreativo e outros seguimentos, sendo as espécies mais frequentes as seguintes: elefante (*Loxodonta africana*), matagaíça (*Hippotragus equinus*), búfalo (*Syncerus caffer*), leão (*Panthera leo*), leopardo (*Panthera pardus*), cudo (*Tragelaphus strepsiceros*), pala-pala (*Hippotragus niger*), impala (*Aepyceros melampus*), zebra (*Equus zebra*) e macaco cão (*Papio anubis*). Por sua vez, em ambientes aquáticos doce (rios, pântanos, lagos e charcos) são encontrados as seguintes espécies: hipopótamo (*Hippopotamus amphibius*), crocodilo (*Crocodylidae*), peixe-tigre (*Hidrocynus goliath*), peixe pende (*Tilapia*) e lagosta da água doce *(Parastacus brasiliensis*).

De modo semelhante, verifica-se uma imensa diversidade de avefauna, constituída por espécies do género águia-pesqueira (*Pandion haliaetus*), periquito-de-colar (*Psittacula krameri*), gaivota-de-cabeça-cinza (*Chroicocephalus cirrocephalus*), galinha do mato (*Formicarius colma*) e garça-branca-pequena (*Egretta thula*). Coexistem também, insectos de diversas espécies: nsenene (*Ruspolia baileyi*),

midge fly (*Diptera nematoceran*), dragonfly (*Anisoptera*), insecto de mopane (*Gonimbrasia belina*) e variedade de borboletas. Predominam inclusive serpentes: mamba negra (*Dendroaspis polylepis*), cuspideira moçambicana (*Hemachatus haemachatus*), mamba verde (*Dendroaspis angusticeps*), jiboia (*Boa constritor*), cobra de mopane (*Hemirhagerrhis nototaenia*), entre outras.

Com relação ao perfil demográfico, os resultados definitivos do Censo de 2017, evidenciam que o distrito tem uma população estimada em cerca de 92673 habitantes, dos quais 46471 são homens e 46202 mulheres (INE, 2017).

Resultados e discussão

Atractivos turísticos naturais e culturais

O perfil ambiental do distrito de Magoe, evidencia a existência de duas unidades paisagísticas, que são: Savanas Abertas, que compreendem cerca de 79% do seu território, e Vale do Zambeze, que compreende cerca de 21% do mesmo (MITADER, 2015).

As características das duas unidades de paisagens que ocorrem nas Savanas Abertas e no Vale do Zambeze apresentam algumas diferenças quanto ao relevo, uso do solo, humanização, e outros aspectos. Essas diferenças nos indicadores de paisagem são cruciais na distinção das potencialidades turísticas, onde de acordo as suas características podemos elencar 6 principais atractivos turísticos, nomeadamente: área de conservação comunitária de Chuma-Chathu, Parque Nacional de Magoe, Floresta de Troncos Fossilizados de Cadzewe, Albufeira de Cahora Bassa, Estreito de Kasindira e a Serra de Comboio.

No quadro faunístico, o perfil ambiental para o distrito de Mágoè, elucida a existência de várias espécies inventariadas, onde o maior registo de número de espécies é o da avifauna (382), seguindo-se dos mamíferos (130), insectos (112), répteis (78), peixes (38) e anfíbios (25) (MITADER, 2015). Esta imensa diversidade faunística representa atractivos turísticos de ordem natural capaz de atrair um volume individual ou colectivo de visitantes nacionais e estrangeiro. Assim, em virtude da diversidade de características ambientais (bióticas e abióticas) tornam propício ao desenvolvimento das actividades turísticas. Deste modo, a área estudada possui sete (7) destinos turísticos a saber: Área de Conservação Comunitária de Tchuma Tchatho; Parque Nacional de Mágoè; Geossítio de Troncos fossilizados de Cadzewe; Albufeira de Cahora Bassa; Estreito de Casindira; Serra de Comboio; e Casindira Lodge.

Área de conservação comunitária Tchuma Tchato

A atractividade turística no Distrito de Mágoè é representada pelos edifícios (estabelecimentos de restauração e alojamento), geomonumentos e área de protecção ambiental (parque). Muitas vezes estes atractivos não são aproveitados a contento pelos operadores turísticos e gestores públicos e privados locais, tendo como consequência a ausência do comércio e dos serviços específicos aos turistas.

Segundo o MAE (2014), o distrito de Mágoè possui uma composição florística de grande valor para a exploração de madeira, para fornecimento de energia (lenha e carvão) e também servem de materiais para a construção de casas para as populações graças à sua vasta e valiosa vegetação composta por chanfuta, mopane, pau-ferro, ntondo, monzo e outras espécies. Paralelamente, tem-se o projecto Tchuma Tchato[1] que, de acordo com o MITADER (2015) e MITADER (2017), é um projecto de manejo comunitário de recursos naturais iniciado em 1994 e implementado em prática em 1995, sob gestão da Direcção Nacional de Florestas e Fauna Bravia, União Internacional de Conservação da Natureza (IUCN), Serviços Provinciais de Florestas e Fauna Bravia de Tete (SPFFBT) e contou com o financiamento da Fundação Ford. Iniciado no Distrito de Mágoè, estendeu-se aos Distritos de Zumbu, Cahora Bassa, Marávia, Changara, Chifunde, Chiúta, Marara e Macanga devido às características paisagísticas e ecológicas que se verificam nessas áreas específicas do Vale do Rio Zambeze.

A Área de conservação comunitária de Tchuma Tchato constitui um atractivo, onde o seu potencial de atractividade é composto por floresta predominantemente de mopane (*Collophospermium mopane*) com ocorrência de nsanha (*Kirk ex benth*), acácia (*Acacia*), embondeiro (*Andasonia Digitata*), chanfuta (*Afzelia quanzensis*), mepepe (*Albizia adianthifolia*) que se desenvolvem em Geomorfologia de afloramento de rochas sedimentares do Karroo, Cretácico ou Terciário, em planaltos de 294 metros a 607 metros cujos solos são argilosos vermelhos que se formaram em terrenos sedimentares (MAE, 2014 e MITADER, 2017).

Regista-se ainda, a ocorrência de Geomorfologia de aluviões holocénicos com solos de aluviões estratificados de textura grossa, em planaltos de com a mesma faixa altitudinais; Geomorfologia de Manto basáltico ao longo do soco Pré-câmbrico e cadeia vulcânica. Por fim há ocorrências de Basaltos do Karroo em planaltos de 607 a 775 metros onde os solos são basálticos vermelhos com formações geológicas extrusivas, em planaltos que ultrapassam os 600 metros.

1 O programa adopta o nome Tchuma Tchato que significa em língua Nyungwe "A Nossa Riqueza". A intenção era de que as comunidades locais pudessem de forma sustentável utilizar o potencial da riqueza dos seus próprios recursos naturais (MITADER, 2017).

A riqueza florestal garante a diversidade faunística da região, que constitui a Albufeira de Cahora Bassa, com potencial para desenvolvimento turístico cinegético, ecoturismo, recreativo e de aventura, em razão de existência de elefantes, matagaiças, búfalos, leões, leopardos, cudos, pala-palas, impalas, zebras, macacos cão, macacos cinzentos e esquilos, além da imensa diversidade de avifauna e ictiofauna.

O grau de uso actual da Área de conservação comunitária de Tchuma Tchato, caracteriza-se pela existência de operadores turísticos que oferecem pacotes completos para o desenvolvimento da caça (turismo cinegético), safári e pesca desportiva cujos visitantes, grosso modo, são provenientes da África do Sul, EUA, Espanha, América Latina e do Norte, Noruega, China, França entre outros (figura 2); visitantes estes que se deslocam-se para a prática do turismo cinegético e ecológico que são consideradas principais actividades dos operadores. Refira-se ainda que a implantação de estâncias turísticas propiciaram a oferta directa e indirecta de emprego melhorado a qualidade de vida e tendo em conta a sustentabilidade ambiental.

Figura 2. Turistas estrangeiros contemplando a natureza no curso do rio Zambeze em Mágoè



Figura 3. Ave migradora na zona de influência do Projecto Tchuma Tchato



Fonte: a equipa de pesquisadores, julho de 2019

A Área de conservação comunitária de Tchuma Tchato possui grande importância ambiental, ao nível provincial, pois faz parte das três principais áreas de conservação comunitária, juntamente à Área Comunitária do Posto Administrativo de Zumbo e à Área Comunitária do Posto de Chiritsi (Chiúta, Chifunde, Macanga e Maravia). Quanto ao seu valor ecológico, pode-se destacar o papel que desempenha em termos de acomodação (habitats) da biodiversidade alóctone e autóctone sendo que em períodos secos a fauna terrestre (aves migradoras, principalmente) dos países do *hinterland* (territórios ou terras do interior que não tem acesso directo ao mar) e não só, desloca-se para essa região

impelida pela necessidade de dessedentação animal, alimentação, nidificação, reprodução e adaptações ambientais (figura 3).

Com vista à gestão dos benefícios provenientes da exploração dos recursos naturais, foram criados comitês de gestão, constituído por membros da comunidade que trabalham em estreita coordenação entre os programas comunitários e as empresas de exploração turística da região.

Vale salientar que as comunidades participam nos processos de mediação dos conflitos ligados à exploração da fauna e também na gestão e definição dos destinos dos rendimentos canalizados para o seu benefício. Os trabalhos desenvolvidos pelos membros nas comunidades permitem auscultá-las sobre as modalidades de aplicação das receitas geradas pela exploração dos recursos naturais representando um grande apoio local e comunitário em relação a sua conservação.

A paisagem da área de Conservação comunitária de Tchuma Tchato apresenta-se em excelente estado de conservação, mas esse quadro enfrenta desafios ligados à invasão ou conflitos de uso de terras, caracterizado pela sobreposição de algumas empresas de fomento de culturas de rendimento como gergelim e tabaco em áreas de conservação, induzindo os camponeses à abertura de novas e extensas áreas para acomodar as culturas de rendimento. Face a esse conflito, o projecto tem sido mais reactivo do que proactivo pelo fato de se deparar com falta de meios de transportes para mobilidade da comunidade, onde a mesma na sua actuação, depende da boa vontade dos operadores para aceder condições de fiscalização.

No âmbito das infraestruturas o projecto possui um *lodge* com 7 quartos equipados por 8 camas para acomodação de turistas. Para além dessas condições, existem meios de acomodamento oferecidas pelos operadores turísticos: Safaris de Moçambique (Kamberembenda Lodge, Mbaze Lodge, Ndirira Lodge, Mpanhame Lodge) e Relâmpago do Céu.

Quanto às vias de acesso em uso, constam as vias terrestres com passagem por Mukumbura, seguindo-se pela estrada que liga os povoados de Musenguedzi, Chintopo e Mpanhane que funcionam como povoados satélites ao longo das comunidades abrangidas pelo projecto Tchuma Tchato. Também, pode-se deslocar por via aérea, visto que no povoado de Mpenhane possui uma pista de aterragem para avionetas (aeronaves de pequeno porte).

Parque Nacional de Mágoè (PNM)

A área que abrange o Parque Nacional de Mágoè constitui um atractivo turístico cujo potencial de atractividade constitui-se pela imensa diversidade biológica de elevado valor ecológico (intrínseco ou existencial, instrumental e de não uso/legado) e pela geodiversidade com beleza cénica e valores científico, académico, estético, geológico, económico e turístico.

Com uma área total de 355.852,044 hectares, equivalente a 3.558,520 km^2, o parque está localizado na região do Vale de Zambeze, ocupando os distritos de Mágoè e Cahora Bassa, distando a cerca de 213 quilómetros da cidade de Tete. Com o objectivo de conservação de solos e outros recursos naturais renováveis e por se situar numa área com poucos habitantes, cria-se o Parque Nacional do Mágoè através do Decreto nº 67/2013, de 11 de dezembro, onde se destacavam algumas espécies prioritárias para proteção, a exemplo da palanca-cinzenta (*Hippotragus equinus*), elefante (*Loxodonta africana*), leão (*Panthera leo*) e mabeco (*Lycaon pictus*). Sua criação visava também a conservação dos ecossistemas frágeis e sensíveis ao longo da Albufeira de Cahora Bassa e da Serra Comboio (MITADER, 2015).

Em termos geomorfológicos possui um potencial turístico formado por Afloramento de rochas sedimentares do Karroo, Cretácico ou Terciário, onde se desenvolvem planaltos de 294 metros a 607 metros com solos argilosos vermelhos, há também ocorrência de aluviões holocénicos com solos de aluviões estratificados de textura grossa, em planaltos de 294 metros a 607 metros com; formações geológicas sedimentares. Ainda em geologia de sedimentos observa-se cobertura arenosa com areias eólicas, pleistocénicas, em planaltos de 424 a 607 m.

O cenário acima descrito suscita excelentes condições para a conservação de espécies faunísticas, onde na fauna terrestre o destaque vai para uma gama de espécies faunísticas caracterizadas pela ocorrência de grandes mamíferos que constituem um excelente atractivo para o ecoturismo, turismo cinegético, contemplativo, recreativo, formado por elefantes, matagaíças, búfalos, leões, leopardos, cudos, pala-palas, impalas, zebras, macacos cão, macacos cinzentos e esquilos.

MITADER (2015), citando aos estudos realizados por Belfiuss (2010), Agreco (2011) e Couto (2014), em relação ao rinoceronte “não detectaram a sua presença em áreas com habitat favorável à sua ocorrência, sendo considerada extinta em Moçambique”. A espécie de matagaiça (pala-pala vermelha) foi escolhida como o emblema do PNM, e representa uma grande diversidade de herbívoros que se encontram no Parque (DCS, 2016). Sua população está

actualmente em estado de recuperação nesta unidade de conservação. Actualmente apenas existem 4 dos *Big Five*, tendo em 2009 desaparecido o último o rinoceronte que existia na região do vale, mas as condições "habitat" para albergar essa espécie que compõe os *Big Five* existem e estão a ser preservadas pelo Parque. Estas e outras espécies faunísticas e aves constituem um excelente atractivo para o ecoturismo, turismo cinegético e contemplativo, recreativo e outras actividades (MITADER, 2015).

Vale lembrar que o Parque Nacional de Magoe realiza diversos serviços ecossistêmicos que garantem a manutenção do mesmo ecossistema em virtude de se desempenhar funções de habitat para imensa biodiversidade. Suas áreas destinam-se a reprodução e/ou multiplicação, manutenção e fluxo de *pool* genético através de movimentação e/ou dispersão de genes que são os corredores ecológicos quer a partir de zoocoria, anemocoria, hidrocoria (dispersão de sementes pelos animais, ventos e águas correntes). Ademais, para além dessas funções, as áreas do Parque mantém a conectividade entre as diferentes populações e meta-populações e garantem a permanência das rotas migratórias.

De acordo com DCS (2016), em relação a sua potencialidade para investimentos, constam a existência de áreas já identificadas para instalação de estâncias turísticas para campismo, *lodges* ou todos outros tipos de turismo ligados à natureza, com destaque para locais e áreas para abertura de trilhas ao longo das montanhas incluindo a Serra Comboio, instalação de empresas ou agências de viagens para facilitar o transporte de visitantes e turistas ao Parque.

Figura 4. Espaços turísticos na Zona de Influência do Projecto Tchuma Tchato em Chintopo em Mágoè



Fonte: a equipa de pesquisadores, julho de 2019

Paralelamente, o turismo baseado na natureza, baseado na contemplação de animais e pássaros no Parque, e o turismo comunitário baseado na visitação das comunidades rurais são actividades que podem ser desenvolvidas nestes espaços turísticos com o mínimo grau de impactos ambientais (vide figuras 4 e 5).

Figura 5. Pensão à esquerda e residência do Administrador do Parque à direita no PNM



Fonte: Cedida gentilmente por Mavuto Catssossa, setembro de 2019

O Parque conta com infraestruturas, desde a casa do Administrador do Parque, pensão, direcção (escritórios), casa dos funcionários, bem como salas de aulas para estágio integral. Não obstante, é imperioso destacar que há residências construídas para atender turistas, mas ainda não estão disponíveis para sua efectiva exploração.

Em estudos anteriores a elaboração do Plano de Maneio do PNM, DCS (2016) refere que foram identificados alguns corredores ecológicos, nomeadamente: Corredor de Nhamufundze; Corredor de Dewe; Corredor de Daladza; Corredor da baixa de Siladze; Corredor da baixa de Nhadgendge; Corredor da baixa de Chidewe e Corredor de Bangue. Segundo o mesmo estudo, o Corredor de Nhamufundze é o corredor de elefantes, cudos e impalas, incluindo matagaíça, enquanto os corredores de Dewe e Daladza são maioritariamente de zebras, pala-palas, búfalos, cudos e impalas. Nesta perspectiva, o corredor de Daladza é também usado por matagaíças. Os corredores nas baixas de Siladze, Nhadgendge e Chidewe, são mais usados para a dessedentação pela diversidade da Fauna Bravia.

Os dados acima descritos corroboram como os observados em campo, onde teve-se o privilégio de observar indivíduos de zebra (*Equus zebra*), impala (*Aepyceros melampus*) e hipopótamos (*Hippopotamus amphibius*) esparsos no perímetro do Parque (figuras 6 e 7).

Com relação ao acesso, vale destacar que a comunicação com o PNM faz-se por via terrestre (rodoviária), fluvial (pequenas e medias embarcações) e aérea, pois, a área estudada possui um aeródromo que necessita de intervenções em prol de sua melhoria.

Figura 6. Impala (*Aepyceros melampus*) e hipopótamo (*Hippopotamus amphibius*) no PNM



Figura 7. Zebra (*Equus zebra*) em seu ambiental natural no Mágoè



Fonte: a equipa de pesquisadores, julho de 2019

Geossítio de troncos fossilizados de Cadzewe

Uma das notáveis destinações do distrito de Magoe com referências geológicas constitui o atractivo de troncos de árvores fossilizados de Cadzewe, cujo potencial de atractividade é constituído por uma floresta fóssil com troncos petrificados em estado natural de conservação que ocorre no Parque Nacional de Mágoè ao longo da faixa junto à Albufeira de Cahora Bassa. Os troncos petrificados encontram-se no estado natural de conservação e estima-se que o processo de fossilização tenha iniciado há cerca de 280 milhões de anos no período Permiano (CUMBE, 2007).

A floresta desenvolve-se ao longo das margens da Albufeira de Cahora Bassa, em meio a relevo plano (0 a 3% de declividade). Ferrara (2004 apud CUMBE, 2007), referindo-se à vegetação fóssil, menciona a ocorrência de troncos fossilizados do Pérmico na Província de Tete que são coníferas *Dadoxylon nicoliseward* e *Dadoxylon* podendo ser encontrados na Província de Tete em áreas como: Mágoè, Carangache (Estima); Chipera; Sudeste de Moatize e Doa.

Conforme o mapeamento realizado no âmbito do levantamento dos atractivos e potencialidades turísticas do distrito, foram identificados inúmeros afloramentos de árvores petrificadas *in situ* no Povoado de Cadzewe, com área de fácil acesso para os turistas e estudiosos interessados. Em Cadzewe ocorre a maior área com afloramentos, porém boa parte de seus horizontes superficiais e subsuperficiais está repleto de antigos troncos, encontrados em abundância na maior parte do perímetro, em meio às propriedades, pátios de residências, beira de estradas vicinais, ao longo das florestas, pastos e margens da Albufeira de Cahora Bassa.

A presença de grandes troncos fossilíferos (com cerca de um metro de diâmetro), bem como a ocorrência de outros restos de vegetação fósseis na mesma unidade sugerem floresta bastante desenvolvida, em ambiente com alguma disponibilidade de água. Refira-se, ainda, que este local tem uma vocação por excelência em atrair turistas no âmbito do segmento de geoturismo, enfatizando-se as observações de fósseis, neste caso particular, a madeira fossilizada, e é vocacionada a turismo científico, além de pesquisas no campo de paleontologia.

Esta actividade consiste na observação e/ou contemplação de restos de seres vivos antigos tanto de ordem vegetal ou animal. Diante deste facto, pode-se reconstituir a história tão fiel quanto possível da génese e processos e/ou fenómenos responsáveis pela geodinâmica interna e externa que ocorreram no passado ao nível local, regional, nacional e mundial (Geohistória), de modo a perspectivar o futuro, tal como considera Charles Layl e James Hutton no seu princípio de actualismo: “o presente é a chave do passado”.

Figura 8. Madeira fossilizada em Cadzewe



Figura 9. Tronco fóssil submerso em Cadzewe



Fonte: a equipa de pesquisadores, julho de 2019

De um modo geral, constata-se que a observação fóssil concentra-se na busca de formas de vida fossilizadas em ambientes naturais. Embora essa actividade seja mais realizada por especialistas, é aberta também a qualquer pessoa, especialmente os turistas e estudiosos interessados, permitindo sua contemplação, interpretações científicas, académicas e culturais que favorecerão a riqueza da experiência.

Quanto ao grau de uso actual, constitui área de interesse para instituições de pesquisa, onde deveria ter sido palco de visitas e/ou excursões para realização de pesquisas, mas em virtude de seu desconhecimento resultante de inexistência de um estudo análogo que possa publicitar sua vocação ao nível nacional e internacional, este local está sendo subutilizado. Portanto, deverão ser elaborados, só para elucidar alguns exemplos, materiais geoeducativos, trilhas, roteiros, meios

de acolhimento para visitantes e condições de alojamento, restauração e entretenimento. E isso requer investimentos e coordenação multisectorial entre instituições públicas e privadas.

Figura 10. Degradação de floresta galeria por queimada em Cadzewe



Figura 11. Defumagem de peixe a partir de biomassa lenhosa em Cadzewe



Figura 12. Degradação de florestas



Figura 13. Processo de secagem de peixe



Fonte: a equipa de pesquisadores, julho de 2019

Ainda na área ao redor da floresta, a geomorfologia das margens do Zambeze possui potencial para implantação de estâncias turísticas com excelentes condições para o campismo. Em termos da sua representatividade, é uma das poucas áreas do país e da região Austral de África que apresenta com abundância troncos petrificados. Vale salientar que o apoio comunitário apenas é garantido pela gestão do parque, mas não existe participação da comunidade para protecção destes elementos paleobotânicos, assistindo-se o abate das árvores para o processo de defumagem do peixe ao redor da área de ocorrência, bem como a degradação dos mesmos pelas actividades agrícolas e ligadas a assentamentos humanos (figuras 10 a 14).

Apesar desta situação, de forma holística, até então o estado de conservação da paisagem encontra-se em boas condições, pese embora não existam infraestruturas de apoio na área de ocorrência da floresta, mas pode-se recorrer a

infraestrutura do PNM. Por último, o acesso se estabelece por via terrestre a partir da localidade de Daque. Também, é possível acessar ao local por meio de pequenas e médias embarcações flúvio-lacustres e de transporte aéreo.

Figura 15. Panorama geral do estado do ambiente circundante do Cadzewe



Fonte: a equipa de pesquisadores, julho de 2019

Albufeira de Cahora Bassa

O grau de uso actual da albufeira prende-se na pesca, turismo de cruzeiro para apreciação paisagística ao longo da mesma albufeira, desenvolvimento de restaurantes flutuantes através de *house-boat* e pesca desportiva, bem como recreativa. Também é usado como via de comunicação para as populações que estão ao longo da albufeira e das suas ilhas.

Quanto ao grau de representatividade trata-se da maior albufeira ao nível da província e do país, e uma das mais importantes da região da África Austral e da África em geral. A albufeira possui um maior apoio local e comunitário em virtude desta servir como base para o desenvolvimento das comunidades, uma vez que as mesmas obtêm-na proteína animal a partir do pescado. De referir que o pescado é comercializado tanto no mercado nacional quanto internacional, principalmente em espécies de peixe pende (*Tilapia*), comumente designado por chicoa quando salgado e seco, e kapenta (*Limnothrissa miodon*), ambas vendidas a comerciantes provenientes da República Democrática do Congo, Zâmbia, Zimbabwe e Malawi.

Moçambique vai exportar peixe tilápia e kapenta para a China a partir de 2019[2]. Esta informação foi apresentada avançada pela mesma fonte citando a Directora Provincial de Pesca de Tete, Fátima Cinco Reis, a qual afirmou o seguinte:

2 O País. *Moçambique vai exportar peixe para China a partir de 2019,* 22/10/2018, acesso em 4/10/2019.

> Estamos satisfeitos com essa intenção demonstrada pelos empresários chineses, afirmou Cinco-reis, acrescentando que Kapenta é uma espécie de peixe com alto valor comercial, que actualmente é exportado para a Zâmbia, Zimbabwe e República Democrática do Congo. Estamos satisfeitos porque com este tipo de acordo, nossos pescadores vão melhorar suas condições de vida, disse acrescentando que "dessa forma, o país estará a lutar contra a pobreza, que é uma das principais prioridades do governo". (...) Os peixes que serão vendidos são capturados no enorme lago artificial atrás da Barragem de Cahora Bassa no rio Zambeze, onde, recorde-se, a pressão exercida por pescadores ilegais está a concorrer para a extinção do peixe "kapenta".

Com isto, percebe-se que a albufeira constitui-se numa força motriz para a geração de renda às famílias, melhorando, assim, suas condições de vidas.

A forte dependência da população local pelos serviços ecossistêmicos de provisão prestado pela Albufeira de Cahora Bassa tornam o meio circundante mais conservado, em razão disso, observa-se um óptimo estado de conservação da paisagem. Com relação às infraestruturas de acomodação, é notável ainda que de forma esparsa muitos *lodges* encontram-se distribuídos ao longo da albufeira, as quais funcionam em áreas de conservação comunitária dos recursos naturais e do PNM. No que respeita ao acesso a Albufeira, faz-se por meio das vias fluviais, aérea e terrestres, sendo esta última em bom estado de conservação.

Figura 16. Secagem, venda e expedição de peixe tilápia e a Alfubeira de Cahora Bassa em Tchoe, Mágoè



Fonte: a equipa de pesquisadores, julho de 2019

Estreito de Kasindira

O Estreito de Kasindira constitui um atractivo turístico com potencial de atractividade constituído por Geomorfologia de corpos de água, Geomorfologia de afloramento de rochas sedimentares do Karroo, Cretácico ou Terciário, em planaltos de 294 metros a 424 metros com solos argilosos vermelhos e formações geológicas sedimentares a magmáticas.

A sua fauna atractiva é composta por hipopótamo, crocodilo, peixe-tigre, peixe pende, kapenta e lagosta da água doce. O seu grau de uso atual serve como via de comunicação para aceder-se a albufeira a partir de Kasindira. Em relação a sua representatividade, trata-se de uma estrutura geomorfológica rara da região, porque o estreito de Kasindira faz ligação entre a albufeira e o lago de Kasindira, com maior nível de apoio local e comunitário pelo facto das populações usarem o estreito para desenvolverem a actividade pesqueira entre outras, além de servir de via de comunicação.

A conservação da paisagem encontra-se em ótimo estado tanto para o estreito e o lago encontram-se em óptimas condições de conservação ambiental. A sua Infraestrutura está em manutenção e é acessível por via fluvial e terrestre. Vale ainda referir que este lago possui potencial para circulação de pequenas e médias embarcações a motor *johnson* bem como manuais (a remo-canoas) em virtude de fraca impetuosidade das suas águas. Também, tem potencialidades para o desenvolvimento de pesca artesanal, desportiva, para além de possuir tremenda capacidade para realização de pesquisas científicas na área de ecologia (limnologia ou ambientes lênticos e lóticos) e ciências biológicas para o entendimento do ciclo reprodutivo das espécies e teias tróficas e a coevolução em estes ambientes. Ademais, é um local potencialmente preparado para bombeamento de água para irrigação dos campos nas regiões periféricas que registam *stress* hídrico.

Figura 17. Visão geral do Estreito de Kasindira em Mágoè



Fonte: a equipa de pesquisadores, julho de 2019

Serra de Comboio

A Serra de Comboio[3] constitui uma destinação com valor elevado de atractividadem cujo potencial rege-se pelas espectaculares geoformas impelidas pela geomorfologia de afloramento de rochas sedimentares do Karroo, Cretácico ou Terciário, em planaltos com 774 metros. Suas imediações são recobertas por solos

3 Este nome resulta da fisionomia similar da serra em relação ao comboio, propriamente dito.

argilosos vermelhos de formações geológicas sedimentares, onde pode-se observar a região Oeste do Vale do Zambeze e apresenta condições para prática do desporto de escalada de montanhas (alpinismo).

O atractivo actualmente não está sendo explorado, e o seu grau de uso actual é baixo, e em termos de sua representatividade trata-se de uma das fisionomias raras. O apoio local e comunitário é inexistente, e seu estado de conservação da paisagem é óptimo e apresenta-se como foco de concentração de fauna. A mesma não possui condições em termos de infraestruturas para acomodação e restauração, mas possui excelentes condições para acampar. Com relação à comunicação, se faz por via terrestre, a partir de Mukumbura, passando por Mahanda, até ao local.

Casindira Lodge

Casindira Lodge se constitui numa destinação turística fascinante, com elevada exuberância e uma arquitectura moderna. No passado, este atractivo possuía um pacote turístico completo com vocação para camping, natação, pesca desportiva, turismo de aventura, ecoturismo, turismo desportivo, *rafting* e geoturismo, para além de possuir um local de criação de crocodilos em cativeiro. Apesar do local encontrar-se quase abandonado, ainda possui enormes capacidades para desenvolvimento dos segmentos turísticos anteriormente citados, decorrente da imensa diversidade paisagística que a mesma encerra.

A estância turística Kasindira Lodge é bordejada pelas águas do estreito de Albufeira de Cahora Bassa, limitando-se por escarpas alcantiladas ou falésia acima do curso de águas. Esta situação faz dela um local privilegiado e propício para o desenvolvimento de actividades de mergulho, natação e embarcação.

Se se pretender viajar com o intuito de contemplar distintas atractividades turísticas no Distrito de Mágoè, o contacto com a natureza (ecoturismo) é um dos segmentos prioritários que se deve valorizar em Casindira (figura 18). O ecoturismo faz parte do que é conhecido como turismo verde e/ou sustentável. Este surge como uma necessidade de salvaguardar os recursos naturais ao contrário do que o turismo tradicional e ou clássico (de massa) oferece. Por ter uma maior responsabilidade com o uso e gestão das atracções turísticas, além de oferecer actividades alternativas que, além de recreacionais, respeitam o meio ambiente, interferindo e alterando os ecossistemas o mínimo possível.

Figura 18. Visão parcial da estância de Casindira Lodge em Mágoè



Fonte: a equipa de pesquisadores, julho de 2019

O turismo ecológico objectiva também a consciencialização pública em matéria sobre o ambiente (Educação Ambiental), desenvolvendo e auxiliando os indivíduos no conhecimento dos problemas ambientais decorrentes deste segmento e não só, como também, avaliar os impactos resultantes deste processo, seus efeitos e estratégias de minimização dos mesmos. A título exemplificativo, em Casindira Lodge há criação de crocodilos (*Crocodylus*) em cativeiro (figuras 19 e 20). No âmbito do ecoturismo, o turista poderá observar *in loco* esta espécie e aprender mais sobre o tipo de reprodução, alimentação, adaptações ecológicas, promovendo assim atitudes biofílicas[4] visando sua conservação.

Figura 19. Criação de crocodilos em cativeiro no Casindira Lodge



Figura 20. Estância turística de Casindira Lodge



Fonte: a equipa de pesquisadores, julho de 2019

Nesta perspectiva, essas actividades são geralmente educativas e formativas, pois facilitam o conhecimento do local visitado, permitindo um contacto directo com a natureza enquanto a desfrutamos.

4 Diz respeito à biofilia, que consiste no amor e amizade à vida. Envolve acções de conservação, protecção e preservação ambiental.

Com relação a este segmento, a Educação Ambiental, por via de oficinas, constituem-se em actividades didácticas que buscam sensibilizar e conscientizar os turistas sobre a importância de viver em harmonia com a natureza, proporcionando, assim, conhecimento e promovendo valores para a preservação do ambiente. Um outro aspecto digno de menção, assenta fundamentalmente na potencialidade que a paisagem se apresenta neste local resultante de sua elevada beleza cénica.

Figura 21. Rochedo em falésia



Figura 22. Paisagem do Estreito de Casindira



Figura 23. Fotografando a paisagem no Estreito de Casindira Lodge



Figura 24. Vegetação mopane (*Collophospermium mopane)* em Casindira Lodge



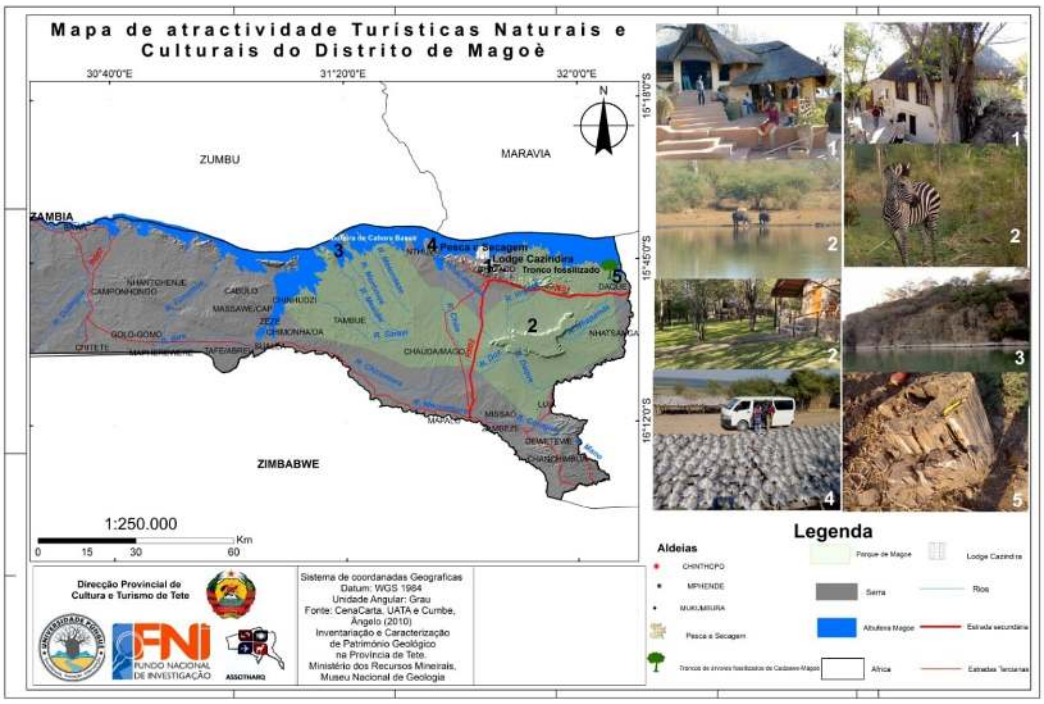
Fonte: a equipa de pesquisadores, julho de 2019

Uma das formas de usufruto dos serviços turísticos prestados por estes locais é a observação dos aspectos geológicos, actividade esta realizada em lugares de paisagens fascinantes onde é possível apreciar várias formações rochosas e seus acidentes geográficos (figuras 21 e 22) embora possa parecer muito científico, contudo, há muitas pessoas interessadas em descobrir esse tipo de formações, estudando sua origem e conhecendo sua história e geodiversidade, para além de processos paleoecológicos e paleobiogeográficos que ocorreram.

Por último, e não em ordem de importância, vale destacar uma outra actividade: o Safári Fotográfico. Este compreende a expedição que se realiza com o propósito de captação de imagens da vida selvagens (diversidade biológica) no seu *habitat*. Importa destacar ainda que nunca nesta se utilizam elementos de caça, não havendo, portanto, intervenções depredatórias (figuras 23 e 24).

As caminhadas constituem-se também em uma das actividades que devem ser implementadas nestes espaços turísticos. Os turistas têm a oportunidade de caminhar a pé por caminhos ou trilhas já marcados, a fim de reconhecer e aprender sobre o ambiente natural que os rodeia. Durante suas caminhadas poderão inteirar-se sobre a paisagem, fauna e flora envolvente, a geodiversidade, aspectos culturais entre tantos outros, haja vista o valor didáctico-pedagógico ou académico, bem como científico subjacente a este património natural e cultural, além da elevada beleza cénica.

Figura 25. Mapa de atractividades turísticas naturais e culturais do Distrito de Mágoè



Quadro 1. Análise das potencialidades turísticas do Distrito de Mágoè

	Atractivo	Características	Hierarquia
Natturais	Área de conservação comunitária de Tchuma Tchato	O seu potencial de atractividade turística reside na sua fauna terrestre e aquática e a diversidade florística existente, especialmente a de Mopane.	3
	Parque Nacional de Mágoè	O potencial de atractividade constitui-se pela floresta parcialmente homogénea que predomina a floresta de Mopane onde se desenvolve a fauna terrestre e aquática	3
	Geossítio de troncos fossilizados de Cadzewe	Sua atractividade é constituída por uma floresta fóssil com troncos petrificados em estado natural de conservação, ocorrendo nas margens da albufeira de Cahora Bassa no perímetro do Parque Nacional de Magoe. Facilidade de navegação por pequenas embarcações de fabrico local (canoas) e a motores.	3
	Albufeira de Cahora Bassa	Representa habitats para várias espécies. Ponto de obtenção de pescado que assegura a subsistência de famílias.	3
	Estreito de Casindira	Potencial de atractividade pelas condições hidro-geológicas.	3
	Serra de Comboio	Constitui um atractivo turístico com excelentes condições para observar a região Oeste do Vale Zambeze, permitindo a prática do desporto de escalada de montanhas.	1
Cultural	Casindira Lodge	Com bom aspecto estético-visual, de arquitectura moderna nos padrões internacionais. Atractivo com vocação para turismo de aventura, desportivo, rafting, turismo ecológico, turismo de natação e geoturismo. Refira-se que a paisagem da mesma possui elevada beleza cénica. Observa-se no mesmo local a criação de crocodilos em cativeiro.	3

Elaborado pelos autores.

Tabela 1. Avaliação e hierarquização e ranking dos atractivos turísticos do Distrito de Mágoè

Atractivo	Potencial de atractividade (valor 2)	Grau de uso atual	Representatividade (valor 2)	Apoio local e comunitário	Estado de conservação da paisagem circundante	Infraestrutura	Acesso	Total	Ranking
Área de Conservação Comunitária de Tchuma Tchato	6 (3x2)	3	6 (3x2)	3	3	1	3	25	1ª
Parque Nacional de Mágoè	6 (3x2)	3	6 (3x2)	3	3	1	3	25	1ª
Albufeira de Cahora Bassa	6 (3x2)	3	6 (3x2)	3	3	1	2	24	2ª
Estreito de Kasindira	6 (3x2)	2	6 (3x2)	3	3	1	3	24	2ª
Kasindira Lodge	6 (3x2)	1	6 (3x2)	3	3	1	3	23	3ª
Geossítio de troncos fossilizados de Cadzewe	6 (3x2)	0	6 (3x2)	1	2	0	3	18	4ª
Serra de Comboio	2 (1x2)	0	2 (1x2)	1	2	1	1	9	5ª

Elaborado pelos autores.

Considerações finais

Da avaliação e análise de hierarquização dos atractivos efectuada para o distrito de Mágoè, constata-se que seus valores foram altos (3) correspondendo, assim, a elevada potencialidade, em virtude destes possuírem elementos naturais e culturais excepcionais de grande interesse, com significação para o mercado turístico internacional, capaz de motivar importantes correntes de visitantes. Esta pontuação é adstrita aos atractivos: Área de Conservação Comunitária de Tchuma

Tchato, Parque Nacional de Mágoè, Geossítio Troncos fossilizados de Cadzewe, Albufeira de Cahora Bassa, Estreito de Casindira e Casindira Lodge.

Por sua vez, registou-se baixo valor (1) para o atractivo Serra de Comboio evidenciando, deste modo, baixa potencialidade do atractivo, haja vista o mesmo não ter apresentado algum aspecto expressivo capaz de interessar visitantes oriundos de outros locais do país.

Agradecimentos

Ao Fundo Nacional de Investigação — FNI pelo suporte financeiro à pesquisa. À Universidade Púnguè pelo encorajamento e suporte administrativo. Ao Governo do Distrito de Mágoè por nos ter autorizado a realização da pesquisa. Extensivos agradecimentos aos líderes e comunidades locais, pela prontidão na prontidão e fornecimento de informações úteis à pesquisa.

Referências bibliográficas

BRASIL. *Programa de Regionalização do Turismo* – Roteiros do Brasil. Ministério do Turismo: Produtos Turísticos. Brasília: 2004.

BRASIL. *Programa de Regionalização do Turismo. Roteirização Turística* – Módulo Operacional 07. Ministério do Turismo, Brasília, 2005.

BRASIL. Projeto Inventário da Oferta Turística. Ministério do Turismo, Brasília, 2006. BRILHA, José. *Património Geológico e Geoconservação*: a conservação da Natureza na sua vertente geológica. Editora Palimagem, Lisboa, 2005.

CUMBE, Â. N. F. *O Património Geológico de Moçambique:* Proposta de Metodologia de Inventariação, Caracterização e Avaliação. Universidade do Minho, Lisboa, 2007.

DANTAS, N. G.; MELO, R. S. Análise da metodologia de hierarquização de atrativos turísticos como instrumento para elaboração de roteiros turísticos no município de Itabaiana (PB). *Caderno Virtual de Turismo*, p. 147–163, 2011.

DCS (DELCAM CONSULTORIA E SERVIÇOS). *Plano de maneio do Parque Nacional de Mágoè, Província de Tete*. v. I, Maputo, 2016.

MAE (MINISTÉRIO DE ADMINISTRAÇÃO ESTATAL). *Perfil do Distrito de Magoé*: Província de Tete. Maputo, 2014.

MCT (MINISTÉRIO DE CULTURA E TURISMO). *Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Turismo em Moçambique*. v. I, n. PEDT II, 2015.

MITADER (MINISTÉRIO DE TERRA, AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO RURAL). *Perfil Ambiental Distrital de Mágoè*. Maputo, 2015.

ZAMCOM, SADC, S. (ed.). *Perspectiva Ambiental na Bacia do Zambeze*. Phyllis Jo. Harare, Gaborone, 2015.

Sobre os autores

Ringo Benjamim Victor: Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, São Paulo, Brasil. Docente de Geografia afecto à Universidade Púguè, Tete, Moçambique.

Adélito Tomás Bernardo: Mestre em Planeamento e Desenvolvimento Regional pela Universidade Católica de Moçambique. Docente da Universidade Púnguè.

Francisco Mateus António Wache: Doutorando em Linguística Portuguesa na Universidade de Minho, Portugal, e docente de Linguística afecto a Universidade Púnguè, Chimoio.

* * *

ABSTRACT

Evaluation and hierarchization of tourist attractives in the Mágoè District, Mozambique

This article aims to assess and rank the tourist attractions in the district of Magoe in Tete Province, Mozambique. The applied methodology was restricted to the bibliographic consultation, structured and non-structured interviews combined by geoprocessing techniques in an ARCMap 10.3 environment, in addition to the application of the Hierarchization Methodology for Tourist Attractions exposed by the OMT (2004) adapted by CICATUR (2006). The research results show the existence of seven (7) attractions with fascinating destinations with high tourist potential, punctuated by high value (3), in a total of six, notably: Tchuma Tchato Community Conservation Area, Magoe National Park, Geosite Fossilized logs from Cadzewe, Cahora Bassa Reservoir, Casindira Strait; and Casindira Lodge. In turn, the attractive Serra de Comboio showed a low score (1), meaning a low potential.

KEYWORDS: geoecotourism; biodiversity; natural resources; community development.

RESUMEN

Evaluación y jerarquización de atractivos turísticos em el distrito de Mágoè, Mozambique

Este artículo tiene como objetivo evaluar y clasificar las atracciones turísticas en el distrito de Magoe en la provincia de Tete, Mozambique. La metodología aplicada se limitó a la consulta bibliográfica, entrevistas estructuradas e non estruturadas combinadas por técnicas de geoprocessamento en un entorno ARCMap 10.3, además de la aplicación de la Metodología de Jerarquización para Atracciones Turísticas expuesta por OMT (2004) adaptada por CICATUR (2006). Los resultados de la investigación muestran la existencia de siete (7) atracciones con destinos fascinantes con alto potencial turístico, puntuadas por un alto valor (3), en un total de seis, en particular: Área de Conservación Comunitaria Tchuma Tchato, Parque Nacional Magoe, Geosite Troncos fosilizados de Cadzewe, embalse de Cahora Bassa, estrecho de Kasindira; y Kasindira Lodge. A su vez, la atractiva Serra de Comboio mostró una puntuación baja (1), lo que significa un bajo potencial.

PALABRAS CLAVE: geoecoturismo; biodiversidad; recursos naturales; desarrollo comunitario.